DA BAIA DE CAVALO AO LUGAR DE OBJETO DE ESTUDO: CONSIDERAÇÕES SOBRE O ÁLBUM FOTOGRÁFICO DE GEORGE CHALMERS.

FROM HORSE STALL TO OBJECT OF STUDY: CONSIDERATIONS ON GEORGE CHALMERS' PHOTOBOOK

Renata Oliveira Caetano[1]
Fernando Antônio Cardoso Leite[2]

RESUMO: O presente artigo versa sobre um álbum fotográfico que pertenceu ao minerador e empreendedor inglês George Chalmers. Temos como objetivo realizar uma apresentação descritiva do material, apontando suas principais características e possíveis narrativas por ele engendradas. Utilizamos como abordagem metodológica, a análise de imagens por comparação, cruzando dados da vida do inglês com as fotografias. Ao final, temos como resultado o aprofundamento da materialidade do álbum buscando romper o silêncio que se impõe sobre as imagens depois que seus donos não se encontram mais entre nós, nos deixando sem pistas sobre os critérios de seleção e organização de tal objeto. Concluímos, no entanto, que ele ainda suscita mais perguntas do que respostas e demanda estudo para adquirir mais camadas interpretativas.
Palavras-chave: Álbum Fotográfico; George Chalmers; Fotografias do cotidiano.

1 Doutora em Artes pelo Programa de Pós-Graduação em Artes (UERJ/ 2017). É professora de Artes Visuais do Colégio de Aplicação João XXIII e do Programa de Pós-Graduação em História – ICH da Universidade Federal de Juiz de Fora. renata.caetano@ufjf.br.

2 Mestre História pelo Programa de Pós-Graduação em História (UFJF/ 2024). Especialista em História da Cultura e da Arte (UFMG/ 2005). Graduado em História com bacharelado e licenciatura pelo Centro Universitário de Belo Horizonte (Uni-BH/ 2004). Atualmente é professor de História da Secretaria de Educação do Estado de Minas Gerais. ferard.leite@gmail.com.

ABSTRACT: This article is about a photo album that belonged to the English miner and entrepreneur George Chalmers. Our aim is to give a descriptive presentation of the material, pointing out its main characteristics and the possible narratives it generates. As a methodological approach, we used image analysis by comparison, cross-referencing data from the Englishman's life with the photographs. In the end, we were able to delve deeper into the materiality of the album, attempting to break the silence imposed on the images after their owners are no longer with us, leaving us with no clues as to the criteria for selecting and organizing such an object. We concluded, however, that it still raises more questions than answers and requires further study in order to acquire more layers of interpretation.

Keywords: Photograph album; George Chalmers; everyday photographs.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo apresentar as principais características de um álbum fotográfico que pertenceu ao minerador e empreendedor inglês George Chalmers (1857-1928). Ele foi assunto de uma Dissertação de Mestrado[3], defendida em agosto de 2024. No entanto, observamos que muito ainda pode e deve ser feito para ampliar a compreensão acerca de tal objeto.

Neste texto, pretendemos abordar o assunto a partir de um ponto de vista diferente daquele da Dissertação. Lá, foi adotada uma perspectiva metodológica que partiu da figura de Chalmers para analisar algumas das imagens agrupadas no álbum. Aqui, pretendemos retomar a materialidade do objeto em si, apresentando um pouco de sua história e de suas principais características de forma mais comparativa e descritiva.

Contudo, achamos pertinente iniciar nosso percurso indicando algumas dificuldades para se trabalhar com tal tipo de objeto. O processo de pesquisa, nos fez chegar a este álbum em 2022. Ele foi visto pessoalmente uma única vez, ainda sob o forte impacto do encontro. Posteriormente, a família

3 LEITE (2024).

que detém posse do objeto, decidiu levá-lo para Brasília, onde se encontra até o presente momento.

Foram muitas conversas no sentido de registrar a importância material daquele conjunto fotográfico, demandando a oportunidade de revê-lo pessoalmente mais uma vez. No entanto, a família decidiu contratar um fotógrafo e realizar o registro imagético das páginas do álbum, sempre fotografadas em duplas das referidas páginas. Também foram feitos registros individuais das fotografias que compõem a encadernação[4]. Apesar da boa qualidade dos registros, sabemos que muito se perde quando tal documentação não é feita por profissionais ou instituições especializadas e efetivamente preparadas para lidar com esse tipo de objeto.

Destacamos isso logo no início de nosso texto para deixar claro que as análises aqui feitas são baseadas nesses registros, sendo sempre tratados assim ao longo do texto. É necessário advertir que tais imagens podem não ter mantido a fidelidade absoluta ao objeto analisado, pois nos faltam alguns parâmetros para que tenhamos uma noção exata de alguns elementos constituintes do álbum. Por mais irrelevantes que possam parecer aos olhos leigos, para pesquisadores, todo e qualquer pequeno detalhe pode determinar impressões e inferências sobre o conteúdo analítico que se faz de um objeto de estudo.

De todo modo, acreditamos ser importante, neste estágio da pesquisa, proceder à apresentação formal do material para a comunidade acadêmica das investigações, tal e qual o acessamos. Fazemos isso levando em consideração sua unicidade em relação a tudo o que se conhece sobre o inglês George Chalmers e sua atuação em Congonhas do Sabará, hoje, a cidade de Nova Lima, localizada em Minas Gerais.

O ÁLBUM DESCOBERTO

Conforme apresentamos em nossa introdução, pretendemos fazer uma breve reflexão sobre um conjunto de fotografias agrupadas em um álbum. No entanto, não se trata de quaisquer fotografias. Vemos, fixados no papel, imagens do cotidiano de George Chalmers, inglês que viveu no Brasil

4 Os registros imagéticos que veremos, foram realizados pelo fotógrafo Naum John dos Santos na residência de Raquel Jones, em Brasília, em meados de 2022.

entre 1884 e 1928, e que foi o responsável por reerguer a Mina do Morro Velho, onde hoje fica Nova Lima.

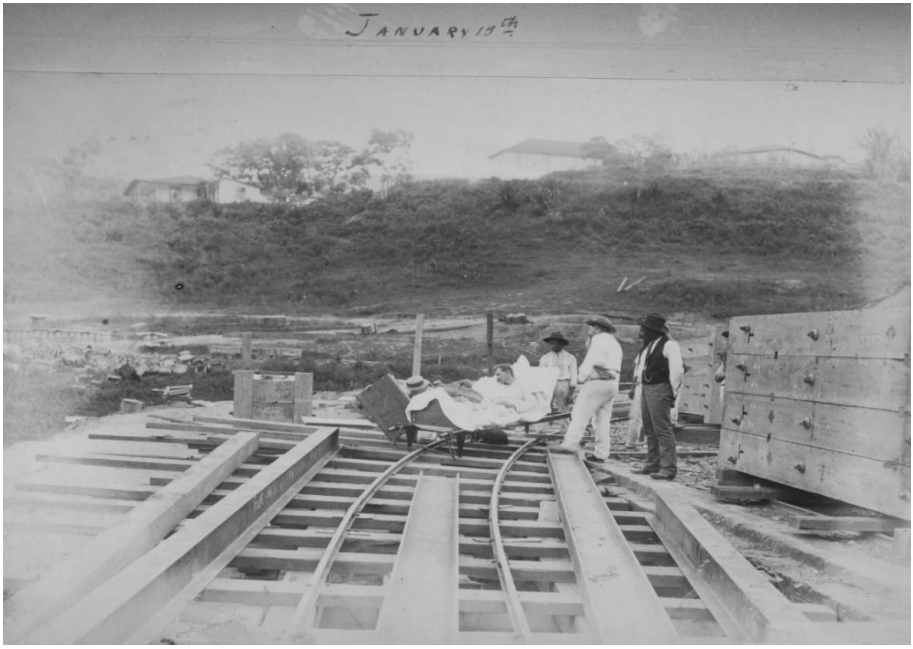
Sabe-se que, ao longo de alguns anos, a Mina havia sofrido um incêndio, uma enchente e um desmoronamento. Como gestor, ao invés de encerrar as atividades de extração naquele local, Chalmers decidiu fazer uso da tecnologia industrial inglesa e transformou a extração aurífera da St. John d'El Rey Mining Company na maior da América do Sul. Nos jornais da época, o Superintendente era tratado como um homem de poder, atuante no campo do empreendedorismo e cuja autoridade, qualificação técnica, científica e administrativa eram notáveis.

Com o passar dos anos, a figura lendária do inglês foi se consolidando por meio de biografias feitas por diversas pessoas, boa parte delas da região de Nova Lima. Aqui, salientamos uma matéria publicada no jornal "Estado de Minas", na qual Moraes[5] (1983) destacou como o trabalho era algo importante para o inglês.

Segundo o autor, Chalmers se levantava às seis da manhã, acompanhava todos os setores em atividade e a construção dos novos empreendimentos, circulando por 40 km em fiscalização. O texto ainda aponta que, certa vez, mesmo com a perna quebrada, Chalmers teria trabalhado em uma maca da empresa, indicando um grande compromisso com seu ofício. Tal situação teria contado com um registro fotográfico, conforme podemos verificar na Fig. 1:

5 Eles construíram Minas. George Chalmers um inglês de vontade de ferro constrói uma mina de ouro. O Estado de Minas, Belo Horizonte.

Figura 1. Autor desconhecido, George Chalmers acamado visitando a obra no Rio de Peixe, sem data.



Fonte: TRAVASSOS, 2012. Universidade do Texas (EUA);
Acervo Nettie Lee Benson Collection.

Tomamos tal elemento como ponto de partida, pois esta imagem traz consigo duas questões fundamentais que nos levam ao nosso objeto de interesse. A primeira delas tem relação com a peculiaridade da situação captada pelas lentes do fotógrafo, algo que nos indica que Chalmers gostava de ter os mais variados momentos de sua vida registrados. Sabe-se da existência de coleções de fotografias feitas a partir do final do XIX, essencialmente sobre o cotidiano de trabalho do inglês na Mina do Morro Velho e de seus empreendimentos na *Saint John Del Rey Mining Company*. Este acervo encontra-se nos arquivos da *Nettie Lee Benson*, em Austin, na Universidade do Texas.

No entanto, aqui chegamos ao segundo ponto de interesse relacionado às imagens fotográficas que envolvem Chalmers, direta ou indiretamente. Em Nova Lima circulavam relatos de que alguns álbuns de fotografias do Superintendente teriam ficado no Brasil. Em busca por mais informações sobre esse material, foram ouvidos os descendentes de ingleses que tra-

balharam na empresa e permaneceram na cidade. Com isso, encontramos Ricardo Salgado Guimarães, médico, memorialista e ex-diretor do Hospital do Morro Velho.

Guimarães é neto do engenheiro químico inglês, Harold Jones, que foi amigo de George Chalmers. Apesar disso, sua proximidade com a família Chalmers aconteceu porque seu pai tinha um sítio ao lado da fazenda do inglês. Portanto, quando Guimarães era pequeno, conheceu Alexander, um dos filhos de George Chalmers, e, a partir disso, ficou amigo de Bill, filho de Alexander. Ricardo, então, teria recebido do neto do George Chalmers, a doação de quatro álbuns de fotografias. Em seu relato, o médico ainda registra a existência de um quinto álbum, sendo este de tamanho menor, que ele encontrou abandonado no Hospital do Morro Velho.

Ainda segundo Guimarães, ele doou para o Centro de Memória da AngloGold Ashanti[6] o álbum menor e um daqueles que recebeu de Bill Chalmers. A partir de tal depoimento, buscamos ter acesso ao material no Centro de Memória, contudo não nos foi dado nenhum retorno sobre o assunto. Seguindo o relato do médico, ele teria dado os outros três álbuns de presente para seu tio, Cecil Jones ex-prefeito de Nova Lima e ex-superintendente da Morro Velho.

Após o falecimento de Cecil Jones, em 1992, Guimarães destacou que nunca mais teve acesso à coleção de fotografias. Diante do relato do médico, consultamos Edgard Jones, empresário, bisneto de Harold Jones e sobrinho de Cecil Jones. Durante um tempo, ele expôs alguns objetos antigos em um velho galpão da casa de campo da família[7]. Ali, encontrava-se uma encadernação desgastada, que, ao ser manuseada, mostrou ser, provavelmente, um dos três álbuns, citados por Guimarães em seu relato.

O que chama a atenção, neste material, é que, ao repassar as páginas, acessamos imagens não somente de trabalho, referentes ao cotidiano do inglês, como tantas outras já conhecidas. Vemos,ao contrário, um pouco mais da vida e dos gostos pessoais de George Chalmers, principalmente no Brasil,

---

6 "Localizado em Nova Lima, o Centro de Memória ocupa um casarão do século XVIII, de mais de 1.200 m², que abriga quase 65 mil itens, entre objetos, livros, fotos e documentos. Ele é um dos principais espaços de preservação da história da mineração de ouro no país.". Recuperado em 15 de setembro, 2024, de https://www.anglogoldashanti.com.br/anglogold-ashanti-celebra-30-anos-do-centro-de-memoria-com-evento-sobre-patrimonio-cultural/

7 A residência é localizada defronte à Mata do Jambreiro, abaixo da Serra do Curral, em Nova Lima.

onde ele viveu durante muitos anos. Ao mesmo tempo, percebemos que não basta repassar o conteúdo deste material sem observá-lo criteriosamente. Portanto, na sequência deste texto, apresentaremos suas principais características, elencando algumas de suas páginas, por amostragem.

DESCORTINANDO O ÁLBUM FOTOGRÁFICO DE GEORGE CHALMERS

Em um artigo escrito por Santos e Albuquerque[8] (2019), tomamos consciência das agruras pelos quais pesquisadores podem passar ao se enveredar pelos caminhos labirínticos que se tornam os álbuns fotográficos familiares ao longo dos anos. Sua materialidade, muitas vezes corroída pelo tempo, guarda informações que foram importantes para alguém no passado. No entanto, depois que essas pessoas se vão, como podemos acessar o contexto e as informações que levaram à tomada, seleção e organização daquelas fotografias?

No início de nosso texto, registramos a dificuldade para chegar a um dos álbuns de George Chalmers, que ficou no Brasil. Passada a euforia por ter conseguido encontrá-lo e contornar as dificuldades para acessar um deles, nos deparamos com a forma silenciosa com a qual as páginas deste álbum descoberto testificam os fatos da vida, as relações e critérios de quem as organizou e as guardou.

Os irmãos Edgard e Raquel Jones, herdeiros do álbum, não sabem com detalhes como a coleção de fotos chegou ao seio da família. Inclusive, desconheciam os fatos relatados por Ricardo Guimarães. Segundo eles, originalmente, o álbum estava entre os guardados de seu falecido tio, Cecil Jones. Após a morte de Cecil, Judith Jones, mãe de Edgard e Raquel, teria ordenado que o álbum de fotografia fosse levado para a casa de campo da família, onde foi encontrado durante o processo de pesquisa. Raquel Jones indicou, em depoimento, que descobriu o álbum ao revirar objetos antigos, esqueci-

8 Álbuns fotográficos familiares e sua transição do âmbito privado para o público: o papel dos processos e produtos arquivísticos. 4º Colóquio em Organização, Acesso e Apropriação da Informação e do Conhecimento. 23 a 23 de agosto de 2019, pp. 247-264. Recuperado em 10 agosto, 2024, de https://www.uel.br/eventos/cinf/index.php/coaic2019/coaic2019/paper/viewFile/640/447

dos em uma baia de cavalos no sítio de sua família, o que explica, em grande parte, seu atual estado de conservação[9].

Para Santos e Albuquerque (2019, p. 248), a série de especificidades deste tipo de documento histórico, "faz do álbum fotográfico familiar uma documentação diferenciada, sobre a qual não há extensa bibliografia e estudos". Assim como elas, compreendemos que um álbum como esse guarda uma série de narrativas criadas no ato de sua configuração, nexos que faziam sentido para quem selecionou e organizou as imagens, seguindo critérios próprios. No artigo mencionado, as autoras ainda apontam para estudos de distintos textos que demarcam, entre 1860 e 1880, um momento para a ampliação da produção e coleção de fotografias. A partir daí, a consequente necessidade de encontrar locais para guardá-las, fez surgir inicialmente cadernos para o acondicionamento de retratos e, posteriormente, os álbuns.

A encadernação do álbum descoberto de George Chalmers guarda algumas dessas características. O objeto mede 44 centímetros de comprimento, por 30 centímetros de altura e 9 centímetros de profundidade. Observando a capa e a contracapa, pensamos ser possível que elas sejam feitas de algum tipo de papelão, assim como notamos que são encapadas, possivelmente, com um tecido ou papel preto com uma sutil padronagem em alto relevo de pequenas e delicadas flores e cupidos.

Para além disso, há ainda um acabamento preto liso na lateral esquerda, verticalmente, assim como há dois triângulos feitos do mesmo material nas extremidades à direita. Mesmo pelo registro, é visível como o álbum está gasto, principalmente na lombada, apresentada à direita na Fig. 2.

9 É provável que o álbum tenha chegado ao sítio em 2013 e tenha ficado abandonado na baia até 2022.

Figura 2. Naum John dos Santos Almeida, Registro fotográfico do álbum de George Chalmers, 2023. Vistas da lateral inferior, capa e lombada.



Fonte: Imagens cedidas pela Família Jones.

A folha de rosto (Fig. 3), que dá o acabamento interno à capa no início e no final do álbum, é composta por um papel marmorizado dividido em duas partes. Entre elas, há uma dobra, feita de uma tira acastanhada, provavelmente, de tecido. No início do álbum, essa área apresenta avarias e manchas, especialmente na parte inferior. Há, também, rasgos no papel marmorizado, principalmente na parte central e inferior, à esquerda. Observando essa mancha em outras dobras internas da encadernação, inferimos que o álbum deve ter tido contato com algum tipo de líquido, o que deteriorou e manchou justamente aqueles pontos. Ainda notamos que, em toda a área do acabamento interno do início do álbum, há buracos que registram o ataque de traças.

Infelizmente, por ora, não foi possível datar com precisão o objeto, levando-se em consideração que não identificamos nenhuma inscrição que delimite uma data de início e de final para a elaboração deste conjunto. Há,

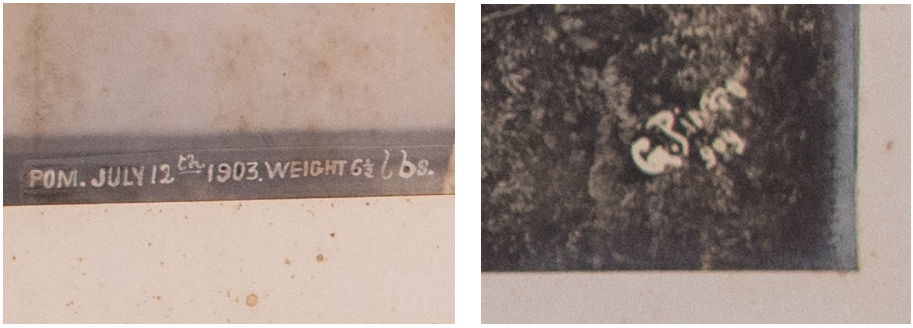
ainda, a percepção de que as fotografias não seguem uma ordem cronológica, algo que dificulta a possibilidade de realização de uma datação. Sabemos, por algumas inscrições presentes em poucas fotos, que temos imagens de 1903 e 1909 (Fig. 4). Apesar de cogitarmos um longo período de existência para o álbum, também não sabemos concretamente por quantas modificações ele passou e nem quantas mãos o manusearam.

Figura 3. Naum John dos Santos Almeida, Registro fotográfico do álbum de George Chalmers, 2023. Acabamento interno da capa no início, à esquerda, e ao final do álbum, à direita.



Fonte: Imagens cedidas pela Família Jones.

Figura 4. Naum John dos Santos Almeida, Registro fotográfico do álbum de George Chalmers, 2023. Detalhe de uma das fotografias das páginas 13 (à esquerda) e 56 (à direita).



Fonte: Imagens cedidas pela Família Jones.

Imaginando que ele tenha se mantido próximo daquilo que foi originalmente, não podemos perder de vista que o "álbum não é passivo [...] seu papel é propor uma determinada visão, sistematizar as imagens e construir sentidos através de hierarquias" (Santos & Albuquerque, 2019, p. 252). Sendo assim, acessamos 154 fotografias, organizadas em 62 páginas[10], que nos contam um pouco mais sobre o que potencialmente era importante para George Chalmers. Não somente naquilo que diz respeito ao trabalho, mas também à sua vida. Contudo, que tipo de imagem poderia estar articulada nas páginas amareladas do álbum descoberto?

CONHECENDO AS PÁGINAS DO ÁLBUM

Leite[11] (1993), destaca que muito acredita-se no poder da imagem, de comunicar seu sentido direta e imediatamente. No entanto, a autora demonstra que esta foi uma das primeiras contradições observadas em seu processo investigativo sobre registros fotográficos guardados em álbuns de pessoas anônimas. Ainda segundo Leite (1993, p. 15) "após uma leitura superficial de conteúdo, a fotografia se tornava opaca e silenciosa."

Assim como ela, nos deparamos com uma grande contradição: ao mesmo tempo que acessávamos um objeto absolutamente novo sobre a vida de George Chalmers, nos deparamos com o silêncio das imagens. Pesquisar tal objeto nos deixou com mais perguntas do que com respostas, no entanto, decidimos aqui fazer uma aproximação com a materialidade de suas páginas para tentar, de alguma forma, indicar possíveis percursos narrativos propostos por quem organizou estas imagens.

Partindo de dados mais técnicos, a primeira observação que trazemos diz respeito à quantidade de fotografias afixadas nas duplas de páginas. Repassando cada registro oferecido pela família, observamos que, logo após a folha de rosto, já temos duas páginas com 4 fotografias e isso será um padrão até as páginas 39 e 40, onde começam a aparecer organizações com mais ima-

10 Não tivemos acesso à um dos registros que, possivelmente, corresponde às páginas 5 e 6 do álbum. Imaginamos isso, pois, seguindo os registros das fotografias individuais, disponibilizadas pelo fotógrafo, notamos haver 4 que não constavam em nenhuma das páginas ao qual tivemos acesso. Solicitamos tanto ao profissional responsável quanto à família e, até o momento, não obtivemos retorno.

11 Retratos de Família: leitura da Fotografia Histórica. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

gens. Sendo assim, contamos 21 duplas de páginas com 4 imagens, ao passo que o arranjo com número diferente disso acontece em 10 duplas de páginas, apresentando o mínimo de 3 e o máximo de 12 imagens, conforme podemos ver na Fig. 5.

Figura 5. Naum John dos Santos Almeida, Registro fotográfico do álbum de George Chalmers, 2023. Páginas 61 e 62, com o menor número de fotografias por dupla de páginas e Páginas 45 e 46, com o maior número de fotografias por dupla de páginas do álbum.



Fonte: Imagens cedidas pela Família Jones.

Sobre a orientação das imagens, observamos uma predominância de imagens na posição horizontal, totalizando 122 fotografias do álbum. As outras 32 estão orientadas na vertical e, na maioria das vezes, são dispostas na página de forma que seja necessário virar a encadernação para vê-las adequadamente. Novamente levando em consideração as duplas de páginas, temos 17 registros com fotografias somente na horizontal, 13 com imagens na horizontal e na vertical e apenas 01 com imagens somente na vertical, como podemos verificar na Fig. 6.

Este conjunto, especificamente, traz inscrições. É importante destacar que não há legendas que nos ajudem a compreender o contexto de tomada das fotografias, assim como falta algo que nos dê informações mais detalhadas sobre o motivo pelo qual foram realizadas. Somando-se às inscrições de datas, anteriormente apresentadas na Fig. 04, temos apenas três imagens que contam com uma espécie de legenda. Uma delas já foi apresentada, justamente na Fig. 4 e, além da data, apresenta a seguinte inscrição, que

possivelmente faz referência ao peso do cachorro apresentado na imagem: "*POM. JULY 12th 1903. WEIGHT 6 ½ lbs*".

Já a imagem que segue na parte inferior da página 56, à direita na Fig. 06, apresenta escrito no canto à direita, a seguinte frase: "*Lyme Regis, from Charmouth Road. W. 3984*". No alto, à esquerda, vemos o número 3, manuscrito (Fig. 7). Cogitamos ser um cartão-postal ou algum tipo de reprodução, trazida da Inglaterra.

Figura 6. Naum John dos Santos Almeida, Registro fotográfico do álbum de George Chalmers, 2023. Páginas 55 e 56, único conjunto do álbum com imagens somente na vertical.



Fonte: Imagens cedidas pela Família Jones.

Figura 7. Naum John dos Santos Almeida, Registro fotográfico do álbum de George Chalmers, 2023. Detalhe das inscrições que constam na fotografia apresentada na página 56 do álbum.



Fonte: Imagens cedidas pela Família Jones.

Na maior imagem da página 49, temos uma ocorrência semelhante, sendo esta legendada e assinada. No canto inferior esquerdo, lemos a seguinte inscrição: "Rio – Floresta brasileira". No canto inferior direito, segue escrito: "Marc Ferrez – Rio de Janeiro", conforme podemos verificar na Fig. 8:

Figura 8. Naum John dos Santos Almeida, Registro fotográfico do álbum de George Chalmers, 2023. Páginas 51 e 52 e o detalhe das inscrições que constam na maior imagem da página 49, à esquerda.



Fonte: Imagens cedidas pela Família Jones.

Uma das grandes lacunas desse processo de pesquisa gravitou em torno da autoria das fotografias, algo sobre o qual pouco avançamos. As únicas imagens nas quais encontramos assinatura é esta de Marc Ferrez, pos-

sivelmente uma reprodução ou cartão-postal, e a sequência de oito fotografias de G. Pinto[12].

Percebemos que elas começam a aparecer na página 52, estando uma delas localizada na parte inferior, à direita (Fig. 8). Depois disso, aparecem dispostas nas páginas 53, 54, 55 e 56 (Fig. 9). Elas apresentam uma paisagem desmatada e compõem parte de um conjunto numerado que, no entanto, é apresentado fora da ordem. Na página 52 vemos a imagem de número 2. Já nas páginas 53 e 54, vemos as de número 11 e 9, à esquerda, e 05 e 03, à direita. Nas páginas 55 e 56, à esquerda temos as de número 08 e 14 e à direita temos no alto a fotografia de número 19.

Figura 9. Naum John dos Santos Almeida, Registro fotográfico do álbum de George Chalmers, 2023. Páginas 53 e 54 e Páginas 55 e 56 (anteriormente apresentada na Fig 06) agrupamento de fotografias de G. Pinto.



Fonte: Imagens cedidas pela Família Jones.

No que tange ao formato das imagens, o padrão retangular que ocupa pouco menos do que a metade da lauda, está presente em 24 duplas de páginas, sendo este o tipo mais comum do álbum. Nas outras 07 duplas de páginas, encontramos formatos variados, sendo que a ocorrência deles também acontece a partir das páginas 39 e 40 e vai até as páginas 51 e 52. Os formatos diferenciados voltam a aparecer somente nas seis últimas pági-

12 Os únicos elementos que levantamos sobre G. Pinto, vieram a partir de Celso Travassos Gomes, fotógrafo novalimense, e de Ricardo Salgado Guimarães, sendo ele um fotógrafo português que trabalhou em Nova Lima na época em que George Chalmers era superintendente do Morro Velho. Celso Travassos ainda afirmou que foi esse português que ensinou seu avô Carlos Vitor Gomes a fazer fotografias.

nas do álbum, indo da 57 até a 62. Há uma variação entre 4 e 7 formatos diferentes nas laudas, sendo que na Fig. 10, destacamos justamente um exemplo deste último.

Figura 10. Naum John dos Santos Almeida, Registro fotográfico do álbum de George Chalmers, 2023. Páginas 49 e 50, com sete formatos diferentes.



Fonte: Imagens cedidas pela Família Jones.

SOBRE OS PRINCIPAIS ASSUNTOS DO ÁLBUM

Pensamos ser muito provável que a organização deste álbum tenha sido feita, em sua maior parte, pelo próprio George Chalmers, ou por alguém muito próximo dele. Vemos, ao longo das 62 páginas, um desfile de temas que fazem parte do universo de interesses, manifestado pelo inglês publicamente ou em âmbito privado, como em cartas para pessoas de sua família.

Observando as duplas de páginas, percebemos que, em ordem alfabética, os principais assuntos do álbum são: Animais (cachorros); Animais presos; Animais soltos; Casa (ambiente externo); Casa (ambiente interno); Família; Objetos; Paisagem (com intervenção humana e com presença de pessoas); Paisagem (com intervenção humana e sem presença de pessoas); Pai-

sagem (sem intervenção humana e com presença de pessoas); Paisagem (sem intervenção humana e sem presença de pessoas); Registros de caça; Registros de pescaria; Retratos posados (Chalmers); Retratos posados (grupo); Retratos posados (individual); Trabalho.

A paisagem é a temática que mais aparece nas imagens. No entanto, é preciso observar o atravessamento de assuntos em diversas fotografias. Apesar de a dupla de temas estabelecida entre paisagem e trabalho parecer concentrar mais a atenção na seleção das imagens, vemos as atividades de lazer abrir e encerrar o álbum. Na Fig. 11, podemos ver esses dois registros aproximados e notamos como a abertura do álbum é dedicada aos cachorros, sendo que, em três dessas imagens, aparece também um homem negro que, conforme veremos mais adiante, é um personagem com alguma recorrência no conjunto de imagens. Já as últimas páginas são voltadas ao que parece ser um passeio de barco, com pessoas de difícil identificação, pela distância e pelo fato de que este conjunto de imagens já sofre com a ação do tempo, estando em piores condições do que as primeiras fotografias do álbum.

Figura 11. Naum John dos Santos Almeida, Registro fotográfico do álbum de George Chalmers, 2023. Páginas 01 e 02, à esquerda; Páginas 61 e 62, à direita (anteriormente apresentada na Fig. 05). Respectivamente as primeiras e as últimas páginas utilizadas do álbum.



Fonte: Imagens cedidas pela Família Jones.

Notamos que, por três vezes, é adotado algo que compreendemos como um critério para a entrada de determinado assunto. Ele é introduzido em uma página, por meio de uma única imagem que difere das demais ali afixadas. Nas duas páginas seguintes o assunto daquela única imagem é reto-

mado em todas as fotografias ali afixadas. Esse é o caso da página 3 e 4 (Fig. 12) que segue mostrando uma raça específica de cães, inicialmente apresentados em uma única imagem na lauda anterior, como podemos conferir na parte inferior da página 02, à esquerda na Fig. 11.

Figura 12. Naum John dos Santos Almeida, Registro fotográfico do álbum de George Chalmers, 2023. Páginas 03 e 04.



Fonte: Imagens cedidas pela Família Jones.

Os cachorros de diferentes raças e tamanhos têm 6 páginas exclusivas no álbum, mas surgem em outros momentos, dividindo espaço com diferentes temáticas. Para se ter uma ideia da importância do tema, nas duas primeiras imagens de George Chalmers no álbum os cães também estão presentes. Na segunda fotografia em que vemos o inglês, ele aparece dividindo espaço com outras três fotos de cachorros. Mas esta imagem não está deslocada naquele contexto, pois ele e seu filho seguram cães de menor porte, como podemos verificar na Fig. 13:

Figura 13. Naum John dos Santos Almeida, Registro fotográfico do álbum de George Chalmers, 2023. Páginas 07 e 08. Registro da segunda aparição da imagem de Chalmers no álbum, no canto superior, à direita.



Fonte: Imagens cedidas pela Família Jones.

O inglês aparece claramente em 26 fotografias do álbum. Aqui, vale o registro da primeira e da última imagem dele, vistas respectivamente nas páginas 05 e 58. Em sua primeira imagem, à esquerda na Fig. 14., vemos novamente os cães junto dele e a demarcação evidente de sua figura como exímio caçador, haja vista a apresentação dos abates realizados por ele e por outros homens, não identificados, que o acompanham na imagem. Toda a composição da fotografia reforça sua centralidade, como líder e referência para aquele grupo de pessoas e animais.

Em contraste com esta narrativa, sua última imagem no álbum, à direita na Fig. 14, nos mostra um Chalmers jovem, também centralizado na fotografia, segurando um animal, que parece ser um filhote de javali. O interesse aparentemente contraditório nos dias de hoje por fixar sua imagem junto a animais vivos e mortos, está totalmente adequado ao padrão referen-

cial de um homem inglês do final do século XIX, que não perdeu suas conexões e raízes, ainda que tenha vivido tanto tempo no Brasil.

Figura 14. Naum John dos Santos Almeida, Registro fotográfico do álbum de George Chalmers, 2023. Fotografias que registram a primeira e a última aparição de George Chalmers no álbum, nas páginas 05 e 58, respectivamente.



Fonte: Imagens cedidas pela Família Jones.

Isso pode ser facilmente confirmado quando notamos que, para além do contexto familiar, suas imagens mais significativas têm relação com as duas coisas que aparentemente ele mais gostava de fazer: caçar e pescar. Como já vimos, as imagens são marcadas pela postura altiva e pelo claro orgulho ao executar tais atividades, como podemos também conferir na Fig. 15. Nas imagens de caça, chama a atenção a presença de seu filho, que supomos ser Alexander. O menino, ainda criança, é visto em algumas situações, acompanhando o pai e o grupo de homens também registrados nos retratos posados.

Em seu ímpeto pela manutenção de um padrão cultural inglês, em terras brasileiras, fica não só evidente que ele não queria perder suas raízes, conforme já observamos, mas também não pretendia deixar que seus filhos as perdessem. Por isso, reafirma, por meio de imagens fotográficas, não somente a cultura, mas também a visualidade inglesa, vista nas obras de distintos artistas como John Constanble (1776-1837), Edwin H. Landseer (1802-1873) e Francis Grant (1803-1878).

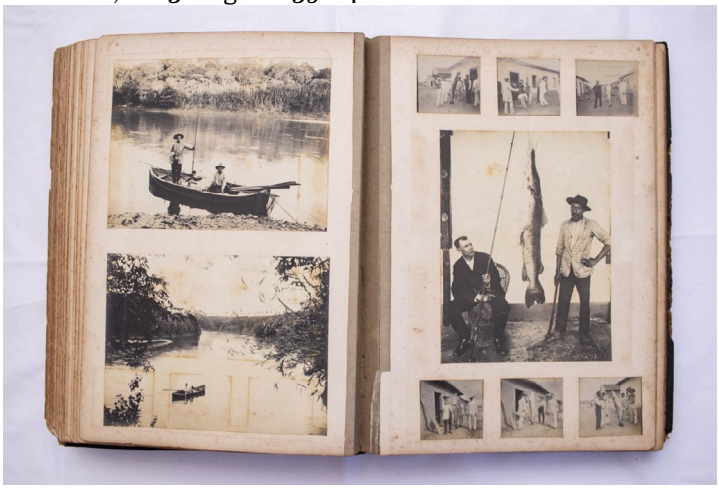
Figura 15. Naum John dos Santos Almeida, Registro fotográfico do álbum de George Chalmers, 2023. Páginas 15 e 16 à esquerda; Páginas 41 e 42 à direita.



Fonte: Imagens cedidas pela Família Jones.

Aqui, achamos pertinente destacar que as imagens de pesca apresentadas à direita na Fig. 15, são a continuação evidente de um conjunto narrativo. Muito possivelmente as páginas 39, 40, 41 e 42 contam a história que vai desde a pesca no rio até a da chegada deste grande peixe a alguma localidade próxima à fazenda do inglês. Na Fig. 16, vemos o início dessa narrativa e reparamos como as imagens menores, na página à direita, perfazem todo um cortejo do peixe passando pelas mãos de várias pessoas.

Figura 16. Naum John dos Santos Almeida, Registro fotográfico do álbum de George Chalmers, 2023. Páginas 39 e 40.



Fonte: Imagens cedidas pela Família Jones.

Outro conjunto narrativo considerável diz respeito ao processo de construção de uma grande tubulação. São oito páginas dedicadas à passagem deste grande tubo de metal por várias localidades, sendo que a maioria das imagens apenas registram o resultado do trabalho, como podemos ver à esquerda na Fig.17. Destacam-se neste conjunto, as páginas 11 e 12, onde vemos, no alto, na página à direita, homens negros trabalhando na construção da tubulação.

Esta sequência começa, portanto, nas páginas 11 e 12 e depois volta a aparecer nas páginas 23, 24, 25, 26, 27 e 28. Na página 23, vista na dupla à esquerda da Fig. 17, vemos Chalmers quase ao centro da imagem, demarcando o lugar onde a tubulação acaba. Dali, vemos jorrar a água, muito possivelmente conforme o previsto no projeto que coordenou. Neste caso, a fotografia surge como elemento fundamental para demarcar a efetividade de sua gerência.

Figura 17. Naum John dos Santos Almeida, Registro fotográfico do álbum de George Chalmers, 2023. Páginas 11 e 12 e páginas 23 e 24.



Fonte: Imagens cedidas pela Família Jones.

Apesar de não aparecerem totalmente em sequência, esse conjunto reforça a percepção do uso do álbum como uma espécie de diário, que registra diversos elementos da vida de George Chalmers. No entanto, nem sempre as imagens nos parecem ter algum nexo evidente. Por comparação, observamos em dois registros o contraste que atua no agrupamento dos conjuntos. Nas páginas 17 e 18, à esquerda da Fig. 18, a natureza parece ser o elemento que centraliza a seleção das quatro imagens, formando um grupo bem coeso entre si.

Já nas páginas 35 e 36, há um arranjo de 4 imagens com 4 temas diferentes. À esquerda: um registro da Casa Grande[13] e a miniatura de um veleiro. À direita, um retrato coletivo de um grupo de homens e mulheres negros acompanhados por três homens brancos e uma paisagem que nos apresenta uma linha do horizonte em um provável pôr do sol. Somente apoiados em nossas observações, foi impossível compreender qual teria sido o critério para reunir essas quatro imagens. E esse silêncio relativo às fotografias ainda se mantém.

Confirmando algo que notamos anteriormente, a sequência de imagens aparentemente aleatórias se inicia na página anterior, conforme podemos verificar na Fig. 19. À esquerda, temos novamente Chalmers, seu filho e um homem, que ainda não foi identificado, em um acampamento, caçando. À direita, vemos a imagem de um casal no alto e de uma árvore, na parte inferior. Aos nossos olhos, de fato, não há uma conexão evidente, mas a presença de pessoas negras, nos faz perceber um outro potencial debate para este álbum.

13 A Casa Grande foi construída em meados do século XVIII, a pedido dos pais do Padre Freitas, e serviu como residência da família Chalmers por um bom tempo. Ela é um elemento simbólico de singular valor histórico. Hoje o local é o Centro de Memória da AngloGold Ashanti.

Figura 18. Naum John dos Santos Almeida, Registro fotográfico do álbum de George Chalmers, 2023. À esquerda: Páginas 19 e 20; À direita: páginas 37 e 38.





Fonte: Imagens cedidas pela Família Jones.

Figura 19. Naum John dos Santos Almeida, Registro fotográfico do álbum de George Chalmers, 2023. Páginas 35 e 36.



Fonte: Imagens cedidas pela Família Jones.

Não podemos deixar de observar o peso dos 388 anos de escravidão que atravessam nossa história. Ao mesmo tempo, é relevante que Chalmers tenha chegado ao Brasil em 1884, alguns anos antes da assinatura da Lei Áurea e 13 anos após a Lei do Ventre Livre. A mão de obra negra é evidente em muitas imagens do álbum e isso nos leva a pensar sobre qual tipo de relação o inglês estabelecia com essas pessoas, em tese, alforriadas. Elas teriam as mesmas condições de trabalho, concedido aos empregados brancos?

Aqui, voltamos ao ponto destacado no início do texto, indicando que o silêncio destas imagens suscita mais perguntas do que respostas. Por ora, não temos como apresentar um detalhamento aprofundado sobre o assunto, mas gostaríamos de destacar o casal, que aparece na fotografia no alto, à direita da Fig. 19. Nos confrontamos com o rosto de duas pessoas que, assim como tantas outras, tiveram suas histórias negadas pelos registros oficiais. E é curioso como, na organização das imagens, eles aparecem ao lado de fotografias importantes de George Chalmers, o que nos leva a cogitar que fossem pessoas de extrema confiança do inglês.

Levantamos esta possibilidade, considerando que este senhor aparece em outras quatro imagens do álbum, três delas posicionadas nas duas páginas iniciais, apresentadas na Fig. 11. Ali, ele é o possível cuidador dos cachorros e assim como na fotografia da página 09, sua estatura serve como parâmetro para dimensionar o tamanho do grande peixe recém-pescado. A única imagem em que ele aparece, enquanto individualidade de pessoa retratada, é a que se encontra na página 36 (Fig. 19).

Figura 19 (recorte, última imagem à direita): Naum John dos Santos Almeida, Registro fotográfico do álbum de George Chalmers, 2023. Senhor que aparece de forma recorrente no álbum, aqui visto nas fotografias das páginas 02, 09 e 36.



Fonte: Imagens cedidas pela Família Jones.

Ainda no âmbito dos retratos posados, encerramos nosso percurso, destacando a presença de conjuntos inteiros dedicados à família do inglês. Duas dessas páginas já foram apresentadas na Fig. 05, concentrando 12 fotografias que parecem ter sido realizadas na Inglaterra. No entanto, é interessante como, quase chegando no final do álbum, temos quatro páginas voltadas

a uma espécie de organização de imagens dos integrantes da família (Fig. 20), ainda que outros assuntos apareçam nestas mesmas laudas.

Figura 20. Naum John dos Santos Almeida, Registro fotográfico do álbum de George Chalmers, 2023. À esquerda: Páginas 57 e 58; À direita: páginas 59 e 60.



Fonte: Imagens cedidas pela Família Jones.

Na sequência das páginas 57 e 58, vemos a imagem de uma mulher que cremos ser Eleonor Tyacke, segunda esposa de Chalmers. Ao lado dela há a fotografia do inglês com seus dois filhos ainda jovens. Há também, alguns registros de George Chalmers jovem e dos cães, visivelmente sua grande paixão. O que, para nós, destoa neste conjunto é a imagem da onça pintada abatida. Algo que não parece dialogar com a escolha das demais fotos. Especulamos se esta imagem não teria entrado ali, apenas pelo formato, como recurso compositivo.

Já nas páginas 59 e 60, vemos uma área menos ocupada, havendo apenas 5 imagens pequenas nas duas laudas. No alto, à esquerda, há uma jovem em duas fotografias de formato oval. Acreditamos que seja Augusta Maria Tyacke, a primeira mulher de Chalmers. Logo abaixo dessas duas

imagens, vemos um retrato de Alexander Chalmers, o filho que mais aparece nas imagens, acompanhando George em suas atividades cotidianas. À direita, vemos uma foto um pouco maior de William Chalmers, o outro filho do inglês. Aqui, a imagem que, para nós soa desconexa, parece ser este retrato de um grupo de pessoas, onde há muitas crianças acompanhadas por alguns adultos ao fundo. Até o momento, não foi possível identificar nenhuma das pessoas que compõem este retrato.

Ao seguir adiante, as três fotografias do suposto passeio de barco, anteriormente apresentadas nas Fig. 05 e 11, ocupam uma das laudas daquela dupla de páginas. A página 62 é composta apenas pelas marcas, do contato das fotografias com o papel. Algumas páginas ainda constam na encadernação sem nenhuma imagem, o que nos leva a imaginar que este álbum foi encerrado não pela vontade de seu organizador, mas pela força do tempo, que fez o objeto cair em esquecimento durante tantos anos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, nos dedicamos a observar a materialidade do álbum de fotografias de George Chalmers, localizado na cidade de Nova Lima, em processo de pesquisa realizado em 2022. Tal abordagem foi desenvolvida especialmente para este artigo e não consta na Dissertação que estudou pela primeira vez o álbum. Aqui, tivemos a intenção de apresentá-lo de forma mais detalhada, atentando tanto para questões técnicas quanto para possíveis narrativas a partir da forma como as imagens estão organizadas.

Ao fazê-lo, não pretendíamos chegar a conclusões definitivas. Conforme afirmamos ao longo do material, por ora, tal álbum nos suscita mais perguntas do que respostas. Contudo, utilizando uma metodologia de análise de imagens por comparação, esperamos ter apontado os principais pontos deste conjunto de imagens.

Trata-se de um assunto fascinante e que ainda demandará muitas pesquisas para tentar desvendar as camadas que compõem um objeto tão rico e desafiador. Com isso, esperamos não somente ter registrado o encontro de tal material, mas também ter dado o tratamento historiográfico que tal fonte merece.

REFERÊNCIAS

Leite, F. A. C. (2024). *O Álbum de fotografias do inglês George Chalmers: memórias e lembranças no tempo do Morro Velho*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Juiz de Fora]. Repositório da Universidade de Juiz de Fora. https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/17845

Leite, M. M. (1993). *Retratos de Família: leitura da Fotografia Histórica*. Editora da Universidade de São Paulo.

Moraes, F. (1983, 18 de agosto). Eles construíram Minas. George Chalmers um inglês de vontade de ferro constrói uma mina de ouro. O Estado de Minas, Belo Horizonte.

Santos, C. R., & Albuquerque, A. C. (2019). *Álbuns fotográficos familiares e sua transição do âmbito privado para o público: o papel dos processos e produtos arquivísticos* [Conferência]. 4º Colóquio em Organização, Acesso e Apropriação da Informação e do Conhecimento, Londrina, PR, Brasil. https://www.uel.br/eventos/cinf/index.php/coaic2019/coaic2019/paper/viewFile/640/447